

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**A educação em Cotiporã/RS:
construção da memória nas vivências escolares**

Carmem Maria Falcade Schlichting

Porto Alegre

2014

**A educação em Cotiporã/RS:
construção da memória nas vivências escolares**

Carmem Maria Falcade Schlichting

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de Graduação de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Natália de Lacerda Gil. Área: História da Educação.

Porto Alegre
Julho de 2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

Agradeço
a todos que de alguma maneira contribuíram para minha formação e principalmente
meus filhos pelo apoio em todos os momentos.

“Tudo vem do pátio da nossa infância e nós temos material para uma vida longa, longa, longa com as coisas que colhemos na nossa infância, no pátio, nos porões das casas, nos nossos brinquedos. Tudo isso é um mundo fantástico, é um mundo mítico e que na maturidade ressurgem e aparecem, saem do fundo, escapam do fundo e vêm à tona. As coisas agora começam a desprender e elas sobem”.

(Iberê Camargo)

RESUMO

Este estudo tem como foco a Educação em Cotiporã, interior do Rio Grande do Sul. Investiga como a memória de três sujeitos se construiu durante o período escolar. A pesquisa centra-se no seguinte problema: como as memórias destes sujeitos se constituem nas vivências escolares em momentos distintos (anos 30, anos 60 e atualmente)? Tem como objetivo trazer os relatos orais de Ana, 89 anos, Romilda, 70 anos, e Terezinha, 63 anos. Interessava compreender como elas veem a educação no período em que estudaram, no início da atuação profissional e atualmente, identificando momentos de lembranças e emoções, e como as relações de memória entre elas se estabelecem. Este estudo se baseia em Ecléa Bosi (1995), Paul Thompson (1992) e Dóris Bitencourt Almeida (2001; 2007), valendo-se dos conceitos de lembranças, História oral e memória. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se utiliza de entrevistas, questionários e registros documentais. A análise permitiu identificar três aspectos recorrentes: o primeiro e o último dia de aula, as coincidências na construção da memória e o passado lembrado como melhor que o presente. Este estudo permitiu observar uma construção positiva da memória dos tempos escolares das entrevistadas. Concluindo que a cada novo argumento sugerido, a cada novo desdobramento percebido, acabam por modificar a lembrança dos fatos da época e as emoções sentidas, trazendo os sentimentos positivos de que “tudo valeu a pena”.

Palavras – chaves: Cotiporã, história da educação e memória.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 A história e o motivo ou o motivo e a história: inseparáveis	7
1.2 Cotiporã, palco e cenário: um pouco sobre	8
1.3 Metodologia: um jeito de coletar e analisar os fios da trança da memória..	11
2. ENTREVISTAS	14
2.1 Primeira entrevistada: Anna Falcade Domeniguini:.....	14
2.2 Segunda entrevistada: Romilda Lourdes Falcade da Silva.....	18
2.3 Terceira entrevistada: Terezinha Maria Tres Sartori	21
3. ANÁLISE	26
3.1 Começar e terminar: sempre uma expectativa e uma glória.....	28
3.2 A formação da memória coletiva e algumas “coincidências”	29
3.3 “No meu tempo as coisas eram diferentes...”	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema a História da Educação da cidade de Cotiporã, no interior do Rio Grande do Sul; tendo como foco a memória através dos relatos de três sujeitos: Anna, Romilda e Terezinha, além de minhas próprias memórias.

Estas pessoas estudaram e\ou lecionaram na mesma escola em décadas diferentes. Procuo identificar como as memórias das vivências escolares destes sujeitos se aproximam ou se distanciam, nas décadas de 30, 60 e atualmente.

Para tanto, procuro conhecer a memória das vivências escolares de Anna, Romilda e Terezinha, suas aproximações e distanciamentos, de modo a compreender como cada uma das participantes deu significado em suas vidas para os eventos narrados.

1.1 A história e o motivo ou o motivo e a história: inseparáveis

A justificativa para este estudo histórico está na minha própria história. Sou natural de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, chamada Cotiporã. É uma cidade de imigrantes italianos que cresceu e se desenvolveu através do trabalho braçal em plantações e lavouras; um trabalho extenuante e que absorve os dias de seus trabalhadores.

Apesar deste cenário aparentemente com poucos recursos culturais, a maioria dos imigrantes sabia que a Educação era muito importante, que ela é que poderia garantir um futuro melhor para os seus filhos.

Saída desta realidade é que vim para Porto Alegre, a capital, onde concluí meus estudos e tive a oportunidade de cursar o Ensino Superior, após a minha aposentadoria.

Mesmo vivendo há mais de quarenta anos em Porto Alegre, nunca perdi o contado com minha cidade natal, as visitas sempre foram frequentes, assim como as conversas sobre o passado com parentes e amigos.

Quando cursei a disciplina EDU 1052 – História da Educação no Brasil, com a Professora Dóris Bittencourt Almeida, tive a oportunidade de resgatar parte desta minha história. Neste resgate pesquisei alguns eventos da História da Educação de Cotiporã e pude perceber – não sem certo espanto – que a minha memória destes eventos não era tão exata quanto eu imaginava. As provas documentais e os relatos de outros participantes traziam aspectos que eu ignorava. Surgiu aí uma inquietação. Porque, então, a minha verdade não é a verdade dos outros?

Conversando – um pouco por curiosidade e um pouco porque já fazia parte das minhas práticas – com algumas tias minhas percebi que em certa medida eu e minha família (como todas as famílias) fazemos parte da História da Educação de Cotiporã. Explico: em décadas diferentes, minhas tias estudaram e lecionaram em Cotiporã, inclusive uma delas foi minha professora. Acredito que não seja por acaso que estou concluindo um curso de Pedagogia, afinal, segundo Almeida (2007, p. 17) “as escolhas que fazemos identificam-se com nossas afinidades”. A autora segue trazendo a ideia de que as lembranças afetivas do nosso passado ocupam grande parte do presente e então nos colocamos na posição de alunas\professoras e passamos a respeitar o grande trabalho feito por essas professoras o que talvez eu não conseguisse valorizar se não estivesse no caminho da docência.

Anna é minha tia, com quem muito converso e que muito conta sobre seus tempos de escola; Romilda também é minha tia e foi minha professora; Terezinha é minha amiga de infância, tendo passado a vida toda em Cotiporã, inclusive tornando-se a substituta de Romilda na escola, até sua aposentadoria.

1.2 Cotiporã, palco e cenário: um pouco sobre

Com o título de *Joia da Serra Gaúcha* (IBGE, censo 2010), Cotiporã é uma cidade de 3.817 mil habitantes, 183,54 Km², localizada na região serrana da Encosta Superior do Nordeste do estado do Rio Grande do Sul.

Os primeiro imigrantes de origem italiana chegaram em 1887 para desbravar o lugar que era de mata virgem e fechada e recebeu o nome de *Monte Vêneto*. Apenas em 1939 o nome passou a ser Cotiporã através do decreto 7.199, de 31 de março de 1938, que elevou à categoria de vila o povoado de Monte Vêneto e do decreto 7.842, de 30 de junho de 1939, que deu o nome de Cotiporã à Vila de Monte Vêneto.

Essa mudança de nome ocorreu quando o presidente era Getúlio Vargas, o mundo passava pelo início da segunda guerra mundial e os italianos e alemães eram perseguidos. Foi neste contexto histórico que o lugar perdeu o seu nome com referência italiana (mal vista na época) e passou a chamar-se Cotíporã, nome de origem indígena, Tupi-Guarani: Coti, que na língua dos antigos índios que ocupavam a região significa *canto, lado, aposento* e Porã, que significa *bonito*. Nome dado em razão das belezas naturais do município.

Pode-se dizer que a história da educação na realidade começou em 12 de maio de 1899, quando os moradores da Linha Júlio de Castilhos (uma das comunidades de Cotiporã) criaram a Aula Pública da IIª Seção Oeste e abriram a escola Professor Eduardo Duarte. Em

seguida, outras comunidades da região também abriram pequenas escolas, que funcionavam na casa de alguma família ou em pequenas construções de madeira tosca, normalmente junto à igreja e cemitério. Nessas escolas se ensinavam os conhecimentos elementares da matemática, língua portuguesa e italiana (GIACOMINI, 2012).

Em 1932, foi inaugurada a primeira escola chamada Grupo de Monte Vêneto (fazendo referência ao nome do local na época). A escola surgiu com a preocupação de seus habitantes em proporcionar a seus filhos uma educação escolar da qual eles não desfrutaram devido à viagem da Europa para o Brasil e o desbravamento do lugar. Com a finalidade de ensinar as crianças de



Figura 1- Grupo Escolar Jacintho Silva

Monte Vêneto, foram deslocados professores de Porto Alegre, uma vez que no povoado não havia pessoas habilitadas para isso. Hoje a primeira escola de Cotiporã chama-se Escola Estadual de 1º e 2º Grau Professor Jacintho Silva.

Em 1934, com o aumento do povoado, começaram a ser abertas pequenas escolas, onde funcionavam classes multisseriadas, do 1ª ao 5º ano, entre elas a Escola Santo Antônio e a Escola São Vicente, citadas pelas entrevistadas. Neste período o governo de Getúlio Vargas manteve a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário (1ª a 4ª séries). E, para se adequar à orientação da Escola Nova, tornou-se obrigatório o ensino de trabalhos manuais em todas as escolas normais (para formação de professores), primárias e secundárias.

Em 1941 foi inaugurado o primeiro prédio próprio do Grupo Escolar e em 25 de julho de 1955 o Grupo recebeu o nome de Grupo Escolar Jacintho Silva, em homenagem a um professor de Veranópolis, cidade da qual Cotiporã era distrito até 1982, pois a emancipação política de Cotiporã ocorreu em 12 de maio de 1982, sendo oficializada pela Lei Estadual 7.652.

O primeiro diretor da escola foi José Mauro, ex-aluno do professor Jacintho Silva. E, em 1977, com o Decreto de Reorganização nº 26468, a Escola passou a denominar-se Escola Estadual de Ensino Médio Professor Jacintho Silva, funcionando em dois prédios: um próprio

onde funcionavam as turmas de jardim de infância até 4º série e outro cedido pela *Firma de Jóias Guindani*, onde eram atendidos os alunos de 5ª a 8ª série.

Somente em 1984 a escola passou a oferecer o chamado segundo grau, hoje Ensino Médio. Em 1987 a escola recebeu um moderno módulo de alvenaria, e em 1996, outro, em função do crescente número de estudantes.

Em 1997 dois eventos marcaram a história da Educação de Cotiporã. Neste ano houve a centralização do ensino no município, as escolas nas microrregiões (São Vicente, Santo Antônio e outras 25) foram fechadas e os alunos transferidos para o centro do município, para a Escola Municipal Caminhos do Saber (de primeira a quinta série), que é um exemplo para a educação e um orgulho para a cidade.

O segundo evento, não é afortunado, pois a sede do antigo e carinhoso Grupo escolar foi totalmente destruída por um incêndio, ocasionando grande perda histórica para a educação de Cotiporã. Felizmente o prejuízo foi apenas material, pois as atividades da escola já estavam no novo prédio.



Figura 1 Incêndio que destruiu o Grupo Escolar Jacintho Silva



Figura 2 Escola Municipal Caminhos do Saber

Hoje a Escola Municipal Caminhos do Saber, atende a todos os alunos que estejam entre a pré-escola e 5º ano, sob a responsabilidade do município¹.

¹ Para mais informações ver: escolacaminhosdosaber@yahoo.com.br



Figura 3 Entrada da Escola Estadual Professor Jacintho Silva, atualmente.

Hoje a Escola Estadual Prof. Jacintho Silva atende os alunos do 6º até a 9º do Ensino Fundamental, Educação para Jovens e Adultos, Ensino Médio, tendo 10 salas, refeitório, laboratório de informática e física, ginásio².

1.3 Metodologia: um jeito de coletar e analisar os fios da trança da memória

As oportunidades de ouvir e conversar sobre acontecimentos antigos foram surgindo despreziosamente – e formalizadas posteriormente. Thompson escreve que

a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. Seguindo esta linha teórica, o presente estudo tem como principal meio a história oral, partindo do princípio de que nossa memória pode ser construída a partir de informações que recebemos no decorrer de nossa vivência (THOMPSON, 1992, p. 17).

São materiais deste estudo: conversas informais sobre a história da educação dos sujeitos, que se apresentam através da minha memória; conversas formais e direcionadas, que foram registradas em áudio, vídeo e escrita; questionários de perguntas pontuais, que as entrevistadas responderam verbalmente e cujos registros também foram em áudio, vídeo e escrita; um caderno de registro das atividades docentes de uma professora da década de 60; e minhas memórias também como sujeito participante desta história, que permeia as considerações e os pontos de vista sob os quais me posiciono.

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre esta construção da memória, busquei inspiração nos autores: Ecléa Bosi, Paul Thompson e principalmente Dóris Bitencourt Almeida. E, através de uma abordagem qualitativa, procuro fazer uma interação dinâmica entre os relatos orais, utilizando uma variedade de métodos e técnicas para cada indivíduo de

² Para mais informações ver <http://escolajacinto.blogspot.com.br/>

modo a considerar o “significado” que cada pessoa dá a cada coisa e a sua própria participação em cada evento. Justamente estes enfoques individuais são focos especiais de minha atenção, pois

Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. Esta multiplicidade, muitas vezes utilizada nos estudos qualitativos, se dá devido à complexidade dos fenômenos a serem compreendidos, inevitáveis quando se trata de pessoas, tanto em contexto individual quanto em seu contexto coletivo, social (LUDKE e ANDRE 1986. p. 12).

Sarmiento (2003, p. 152) propõe que se faça uma espécie de “desenho investigativo” sistematizando algumas orientações fundamentais: como uma imersão no contexto que investiga e ser participante das entrevistas que realiza. Não só me envolvi no contexto das entrevistadas como também participei de suas vidas, procurando em cada entrevista aprofundar o assunto no que se referia às suas memórias escolares. Também percebi a importância do respeito ao outro, por serem duas das entrevistadas parte da família, tornava-se importante a humildade e a solidariedade.

No segundo momento optei por fazer um questionário com perguntas preestabelecidas, onde cada participante respondia com uma riqueza de detalhes e dando importância à memória, a cada vez surgindo novas lembranças.

A mais importante prova documental desta pesquisa que ratifica as informações dadas pelas entrevistadas, foi oferecida pela Terezinha em um dos momentos de encontro para entrevista: um caderno, que servia como diário com as provas aplicadas da 1ª à 4ª série, por uma professora dos anos 60, inclusive com os objetivos propostos para cada mês.

Ao olhar este caderno percebi que o relato oral pode ser confirmado ou não, mas somente dentro de um período onde as pessoas entrevistadas estejam presentes, e que eu estivesse com o olhar atento às emoções que estas lembranças trazem. Assim como Bosi, percebi que “a lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida” (BOSI, 1995, p. 49).

Acredito que, quando lembramos, estamos de certa forma filtrando nossa memória, escolhemos as lembranças mais significativas, e ao tocar algo deste passado, ele emerge com maior intensidade colocando a emoção positiva ou negativa conforme o objeto nos remete. Segundo Bergson (*apud* BOSI, 1995, p. 67) as percepções podem passar por um “período latente”, durante o qual “desaparecem” da consciência até que, por motivos diversos,

reafloram. “Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação” (THOMPSON, 1992. p.22).

Relacionar a memória de cada entrevistada com as informações deste caderno trouxe muita legitimidade para os relatos das mesmas, assim como a relação que os próprios relatos já apresentavam, pois alguns pontos recorrentes se mostraram muito relevantes para as participantes e tiveram sua importância histórica confirmada pelos registros neste caderno.

Muitas foram as informações e os pontos de convergência dos relatos, de modo que eu poderia fazer entrevistas continuamente que novos fatos e novas lembranças surgiriam. Destes pontos, escolhi e analisei três: a importância dada ao primeiro e ao último dia de aula; a relação na formação da memória coletiva e as “coincidências” e a ideia de que no passado a educação era melhor que nos dias atuais.

2. ENTREVISTAS

2.1 Primeira entrevistada: Anna Falcade Domeniguini³:

Nascida em 07/06/1925

Uma conversa descontraída, uma entrevista, um questionário, nova conversa

Em visita a sua casa, pedi autorização para filmá-la e fazer-lhe algumas perguntas sobre suas experiências com a escolarização e o que mais lhe chamava atenção. No primeiro momento demonstrou-se tímida, dizendo: “estudei pouco, não posso ajudar!” Aos poucos, através de uma conversa informal, ela foi respondendo às perguntas, chegando ao final com entusiasmo.

Ela estudou os dois primeiros anos no centro do município, no então Grupo de Monte Vêneto (1932 e 1933), ela diz “antigamente se caminhava até Cotiporã 3 a 4 km no meio do barro com o chinelo na mão”. Já o 3^a e 4^a anos, ela fez na Escola Santo Antônio (1934 e 1935) e o 5^a ano na Escola São Vicente⁴ (1936).

No Grupo de Monte Vêneto, ela chama de Escola José Mauro (1932/33), havia salas cheias, entre 30 a 40 alunos por classe no 1^o e 2^o ano; nos anos seguintes diminuía drasticamente. No primeiro ano, cada uma tinha sua lousa (um mini quadro), do tamanho de uma folha A4 onde escreviam e quando decoravam era apagado com um pano umedecido. “Depois ela chamava para escrever no quadro, tinha que escrever até ficar certo”, lembra Anna. No quadro também eram feitas as contas, para os alunos que estavam no mesmo ano, ficavam olhando para aprender. Os outros alunos faziam outras atividades que ela não sabia, mas que eram em silêncio. Já no segundo ano ela diz: “tinha que levar uma tinta, numa garrafinha e um pedaço de pano para limpar; às vezes pingava e tinha que limpar, mas, era só pra caligrafia. Tinha uma canetinha, tipo agulha “abrida”, que se estragava tinha que trocar”.

Nesta escola em todas as salas eram professoras. Para Guacira Lopes Louro (2000), a ampliação da oferta de trabalho que se deu através da urbanização e industrialização contribuiu para a saída dos homens da escola e para a feminilização da educação. A princípio, esta situação foi questionada pela sociedade, mas em seguida “o magistério passou a ser visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher” (LOURO, 2000, p.451). A compreensão social predominante era de que “as mulheres tinham ‘por natureza’, uma

³ Autorizou uso do seu nome verdadeiro.

⁴ Nesta escola, eu Carmem fiz os dois primeiros anos da minha educação escolar; Romilda (minha professora) e Terezinha foram professoras.

inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos” (LOURO, 2000, p.450).

Anna conta que o diretor caminhava pelo corredor batendo os pés pesados para fazer barulho e todas as crianças faziam um silêncio total, todos os alunos tinham medo dele. Eram os

homens que detiveram por longo tempo as funções de diretores e inspetores. Reproduzia-se e reforçava-se, então, a hierarquia doméstica; as mulheres ficavam nas salas de aula, executando as funções mais imediatas do ensino, enquanto os homens dirigiam e controlavam todo o sistema (LOURO, 2000, p. 460).

Num dos primeiros dias de aula, ela comenta que “entrô um homem, esse é o diretor”, apresentou a professora aos alunos; logo que ele saiu, a professora explicou as regras quanto ao diretor, que deveriam ficar quietos e que ele era muito “brabo”. Ela não se lembra de castigos impostos por este diretor, somente das professoras, que eram ficar de joelhos nas pedrinhas, quando os alunos brigassem ou respondessem; já quando não faziam a lição de casa ficavam durante o recreio para fazê-las. A sua primeira professora repetia muitas vezes que o diretor dizia: “na escola tem que estudar não conversar, fazer bagunça”. Também dizia: quando ele aparecer na porta “*Estemi tutti fermi*” (Fiquem todos quietos, em italiano). As carteiras eram de dois lugares; o teste final (avaliação) era feito pelo subprefeito, (nomeado pelo prefeito de Veranópolis) com a supervisão do diretor; prova oral: “Ele fazia as perguntas [o diretor], tinha que responder”. “Se sabia passava de ano, se não ficava no mesmo”. Na falta de uma ata de 1932, abaixo ata de 1936, que era nos mesmos molde dos anos anteriores e posteriores. Ata por si só explicativa quanto à avaliação, conforme segue:

Ata dos Exames Finais

Nos vinte e cinco dias do mês de Novembro de mil novecentos e trinta e seis, às nove horas, no prédio onde funciona a Aula Municipal regida pela professora Adelia Varius, compareceu a comissão examinadora composta dos Srs Nelson Farina, presidente, Sivello Chiaradia, Eypriano Guindani, Fernando Varius, Maria Fievers e Tuly Farina, servindo de Secretaria, afim de proceder-se aos Exames Finais do corrente ano letivo.

Foi feita a chamada, no respectivo livro, e ela responderam vinte oito alunos dos vinte e oito matriculados, sendo dez do sexo masculino e dezito do sexo feminino.

Os alunos da terceira classe, foram ouvidos em leitura no terceiro livro; ditado, analise, gramatica, aritmetica, Geografia, Historia do Brasil, Ciências, Civismo e problemas sobre as quatro operações, notando-se um bom adiantamento.

Os alunos da segunda classe, foram ouvidos em leitura no segundo livro; ditado e nas outras materias do programa, observando-se tambem um bom adiantamento.

O restante dos alunos foram ouvidos em leitura no primeiro livro; numeros, tabuada, e umas pequenas contas.

Pelo presidente foram feitas perguntas de Catecismo aos alunos em conjunto, tendo os mesmos respondido satisfatoriamente.

Foram recitadas poesias e cantados Hinos Nacional e Bandeira.

Nada mais havendo a comissão examinadora congratula-se com a professora de bom resultado alcançado no corrente ano letivo.

E para constar, Tuly Farina (hoje a presente ata) servindo de secretaria, lavrei a presente ata, que depois de lida, vai assinada pela comissão e demais presentes.

Nelson Farina, Presidente
 Sivello Chiaradia
 Eypriano Guindani;
 Fernando Varius
 Maria Fievers
 Tuly Farina
 Adelia Varius professora regente

Figura 4 Ata de avaliação de 1936 - Cotiporã.

Os negros em número pequeno, dois ou três, estudavam somente no 1º e 2º anos, e ficavam sempre no fundo da sala, já no 3º ano, não havia mais negros (dá para entender que mulatos já eram considerados negros em uma região de colonização europeia). Havia também os bugres (nome usado pelos moradores locais e que caracterizava a mistura de espanhol com índio) que não frequentavam a escola, estes eram bastante discriminados, o que não acontecia com os negros que eram bem vistos pelos italianos. Esta situação difere do que acontecia na época, pois “à escola como instrumento de transmissão da cultura é abordada como uma instituição da qual os negros estiveram praticamente à margem, pois foram seres ativos na dinâmica econômica, mas encontravam-se fora do universo cultural” (FONSECA, 2007, p.24).

Na Escola Santo Antônio, Anna passou sem muitas lembranças, nada que a marcasse, só o teste final que era feito no Grupo de Monte Vêneto, em Cotiporã, pelo seu diretor José Mauro, também oralmente. Antes disso, cada aluno passava pela professora que dizia os que tinham condições de fazer o teste, era uma pré-avaliação. Após o 3º ano, os alunos tinham que comprar livros, vários, ela não lembra quais, mas completa “eram bastante, a mãe tinha dificuldade para comprá-los”. O teste era feito para cada livro e os alunos deveriam saber o conteúdo deste livro ou repetiriam o ano até responderem corretamente.

Na Escola São Vicente fez a 5ª série e conta que tinha muitos alunos juntos, cada banco uma série (média de 6 por banco), sendo que a 1ª série tinham dois bancos pois o número de alunos era maior, para a 4ª e 5ª série havia um banco somente.

Como a Anna já estava na 5ª série, podia e devia ajudar, ou melhor, ensinar os que estavam na 1ª série e, ao terminar a 5ª série, estava apta a ensinar na 1ª série.

Uma particularidade que Anna conta com um sorriso, mostrando alegria, é que o professor, ela não lembra o nome, apenas que vinha de Cotiporã até São Vicente a pé (3,5 km) com uma espingarda e caçava no caminho, tanto na ida quando na volta. Esta caça era o alimento para o jantar. Conta também que ele não castigava os alunos e os deixava andarem pela sala, contanto que fizessem as lições – o que todos faziam rapidinho. A sala tinha sempre um ar de alegria. A espingarda ficava atrás da porta e ninguém nunca mexeu⁵.

Este professor pode ser comparado à Professora Maluquinha, pelas suas atitudes e modos de ensinar descontraído, como nos diz Anna. Este professor tinha várias qualidades que Anna relacionou e que encontrei nos dizeres de Almeida, pois este vinha da cidade e

⁵ Não dá para imaginar esta cena hoje, 2014.

conseguiu de adaptar ao meio rural com facilidade e ainda tirar proveito das dificuldades, pois o

perfil de um\ a professor\ a: afetividade, desprendimento, adaptação à vida rural, vocação, conhecimento pedagógicos, agrícolas, pastoris, sanitários, dedicação aos trabalhos manuais, capacidade de enfrentar novos desafios e de se entregar com afinco ao magistério, criatividade, obediência, disciplinamento ético e moral eram características e posturas que todos esperavam deles. Quando refiro-me a todos, quero dizer que a sociedade, de um modo geral (ALMEIDA, 2001, p. 28).

Nas paredes da sala não tinha enfeites ou letras como hoje, mas tinha dois mapas, talvez três, um do Brasil, outro do Rio Grande do Sul e o terceiro ela pensa ser do mundo; mas com certeza afirma “tinha o quadro do presidente Getúlio Vargas”.

A cada visita, novas lembranças, ela diz “eu tinha esquecido, agora lembrei”. É como se fizesse uma viagem, “a gente vai lembrando, cada vez que tu vem eu lembro alguma coisa a mais”.

Ao falar da educação de hoje ela diz não se envolver mais, mas que “parece que os pais não educam mais os filhos, a gente vê cada coisa na TV”.

2.2 Segunda entrevistada: Romilda Lourdes Falcade da Silva

Nasceu em 21/12/1942

Uma entrevista e um questionário

Foi casada, tem quatro filhos, uma neta e hoje é viúva, mora em Veranópolis, RS. Estudou os dois primeiros anos na escola rural isolada em Santo Antônio, onde a professora era bastante rígida, ela fala desta rigidez como uma necessidade, como um ponto positivo para a educação. No primeiro ano ela tinha uma pedra onde escrevia com um lápis bem fininho, pois o escrito com giz ficava muito “grosso” cabendo pouco e era necessário escrever com letra bem pequena para caber bastante e ficar olhando, pois assim que decorasse, deveria ser apagado para escrever novamente, outras palavras. Uma lembrança que a marcou muito foi o cuidado que tinha que ter com a pedra, pois se caísse poderia quebrar; foi o que aconteceu com a dela, e teve que continuar até o final do ano com o maior pedaço que sobrou da pedra. “Naquele ano, a mãe não tinha como comprar outra”.

A partir do terceiro ano ela foi estudar no colégio das freiras em Cotiporã. Conta que “tinha que ir a pé, não importava se fazia frio ou se chovia, a mãe nos obrigava, dizia que era muito importante não faltar à aula”. Ela não se lembra de castigos, também não se lembra das aulas, completou até o 5º ano com facilidade. Embora não lembre como eram as aulas, ela fala das perguntas que deveriam ser escritas com a pena, “molhava na tinta, escrevia, mas dava para escrever só um pedacinho logo tinha que molhar de novo, demorava muito tempo”, já as respostas deveriam ser escritas a lápis, para posterior correção.

Em seguida ela fez o exame admissional para entrar no ginásio em uma escola no centro de Porto Alegre, onde cursou o primeiro ano do ginásio; os outros três anos do ginásio ela cursou em um Colégio particular em Veranópolis.

Quando completou o ginásio, passou a lecionar na Escola São Vicente (escola rural isolada de Cotiporã), como professora contratada pela Prefeitura. O primeiro ano como professora foi 1962. Na escola não tinha nada, era a cozinha do salão da Igreja, ganharam uns bancos, não sabe de quem, mas que eram grandes; para as aulas tiravam o fogão, botavam os bancos e quando tinha festa, tiravam os bancos para colocar novamente o fogão.

Enquanto fala dos bancos, ela diz apontando a mão na testa, “o banco batia aqui em ti”. Assim só poderia escrever ficando em pé.

Como na maioria das outras escolas rurais de Cotiporã, também tinha entre 20 e 30 alunos, mais no 1º ano, muito menos no 5º ano. Tinha três negros que eram muito pobres [ela diz negros, mas eram mulatos], “não sei como conseguiam sobreviver ao inverno, vinham de chinelo e muito pouca roupa, dava pena”. Em seguida com um sorriso, ela diz que hoje eles moram “aqui [Veranópolis] e estão todos bem, têm de tudo”. Considera que o esforço valeu a pena.

Tinha alunos tão pobres, que ao terminar o caderno, apagavam as primeiras folhas para escrever novamente, pois este deveria durar até o final do ano. Eram anos bem difíceis, para a maioria. A Prefeitura dava o leite em pó, a mãe dela⁶ fazia o leite e no horário ela mandava um aluno buscar, para que este estivesse quentinho.

Ela fala que às vezes era difícil controlar a turma, ensinava por banco, cada banco um ano, quando terminavam a atividade, os alunos começavam a conversar, andar pela sala, e isso distraía os outros, então tinha que dar castigo, puxava as orelhas, ela diz: “imagina hoje se uma professora faz isso vai presa”. Ela também deixava sem recreio aqueles que conversassem ou falassem em italiano, pois era proibido. Pergunto se eu ficava sem recreio

⁶ Minha avó.

mais por falar em italiano ou por conversar? Com um sorriso, ela diz: “tu não ficava quieta, mesmo sentando no primeiro banco, isso que os barulhentos eram os dos fundos”.

Neste momento, ela fala de um aluno em especial que era “um capeta”, e conta que ele sempre ficava sem recreio. Talvez ela quisesse relacionar com o fato de eu nunca ter tido recreio nos meus primeiros dois anos de escola, talvez eu também fosse “uma capeta”; fica a dúvida.

No primeiro ano tinha a cartilha, mas ela não lembra bem como era, já do segundo ano em diante tinha livros. Os maiores ficavam lendo, enquanto ela escrevia no quadro, que era dividido em várias partes, uma para cada ano. Como nem os alunos nem a professor tinha material para trabalhar, ela escrevia todos os dias o alfabeto no quadro.

A Prefeitura entregava um livro para cada disciplina, e deste livro deveria fazer a prova; os alunos deveriam estar preparados, pois as autoridades poderiam ir aplicar as mesmas. Com firmeza diz: “nunca foram, mas na festa de final do ano, não esqueceram nem uma”.

Tinha uma família cujos filhos não conseguiam aprender, ela até tentou coloca-los de castigo, mas não adiantou. Ficaram na 1ª série por 3 anos. Ela afirma: “imagina! Eles não conseguiam escrever uva”. Uva era uma das primeiras palavras da cartilha, pelo que eu me lembro.

Os alunos eram obrigados a ir para a escola até os quatorze anos, caso contrário os pais recebiam multa; a maioria conseguia completar o 5º ano antes disto, e neste caso seriam dispensados da multa.

Ela conta que era muito rígida com o português, exigia que escrevessem corretamente, caso isto não acontecesse tinham que escrever várias vezes até memorizar a palavra. E completa “se deixasse eles continuariam escrevendo errado pro resto da vida, e depois que aprendeu errado fica mais difícil reaprender”.

Lecionou até 1968 quando um acidente de carro deixou-a impossibilitada de lecionar. Ficou mais de 30 dias desacordada (em coma) e, quando acordou, estava praticamente sem movimentos, e as perspectivas médicas eram negativas.

Uma das filhas é professora e Romilda diz que a filha é dos tempos antigos, que exige respeito e não aceita “mal criação”. Como Anna ela também considera a educação de hoje deficitária.

2.3 Terceira entrevistada: Terezinha Maria Tres Sartori

Nasceu em 02.05.1950

Uma entrevista, um questionário e muitas conversas

Terezinha cursou da 1ª a 5ª série no Colégio de Freiras em Cotiporã, de 1957 a 1961. Neste Colégio, a maioria eram alunos de origem europeia, italianos e de alto poder aquisitivo. Cursou o ginásio em Veranópolis, na sequência o 2º grau com especialização Técnico em Contabilidade (curso feito à noite) e em seguida o Magistério (Normal regional), mais tarde, fez Letras em Erechim e pós-graduação em Letras à distância, com algumas aulas presenciais em Caxias do Sul. Nunca deixou de estudar. Fez vários cursos de profissionalização em Caxias do Sul, sempre ligados à Educação. Ela lembra: “muita roupa minha mãe lavou para que eu estudasse”. O pai dizia: *Voglio stare davanti* Figueiredo (queres ficar à frente do Figueiredo, em italiano) ⁷.

Ela fala nos projetos Cecília Meireles, onde o governo dava incentivo, bolsa para continuarem estudando. Ela aproveitou todas as oportunidades, sempre nos meses de férias. “É o presente que faz um chamamento à memória, e, portanto, entende-se que sua narrativa é pautada pela experiência de vida, nas dificuldades de passado, reconstruindo os anos em que se preparava para o magistério” (ALMEIDA, 2007, p. 50).

Em 1966, começou a lecionar numa escola no “Morro do Leão”, Escola Municipal Carlos Turelli – Linha Brasil, no mesmo sistema de São Vicente (escola rural isolada). Em São Vicente lecionou por 10 anos. Ela tinha sempre mais de 20 alunos, distribuídos entre a 1ª e 5ª séries. Na sala, embora tivesse uma grande diversidade em idade, reinava o respeito e interesse em aprender. Havia pouca reprovação, pois os que frequentavam queriam realmente aprender.

Ela fala do quanto tinha que ter vontade, realmente querer ensinar. Repete “tinha que querer”, levar material adequado, não era fácil, pois muitos alunos chegavam na 1ª série sem saber segurar o lápis, outros nem mesmo o conheciam. Quando começou a dar aula tinha completado somente o 5º ano, às vezes não lembrava como deveriam ser feitas certas contas com frações e um aluno do 5º ano a ajudava.

Em certo momento lembrou que tinha um caderno, uma espécie de diário e foi à procura, subiu no sótão e voltou com o caderno, este tem os objetivos que deveria alcançar

⁷ Refere-se a João Baptista de Oliveira Figueiredo, presidente do Brasil no período.

durante o mês, textos utilizados nas primeiras séries, cópia de provas. Impossível colocar todas, seguem só alguns exemplos:

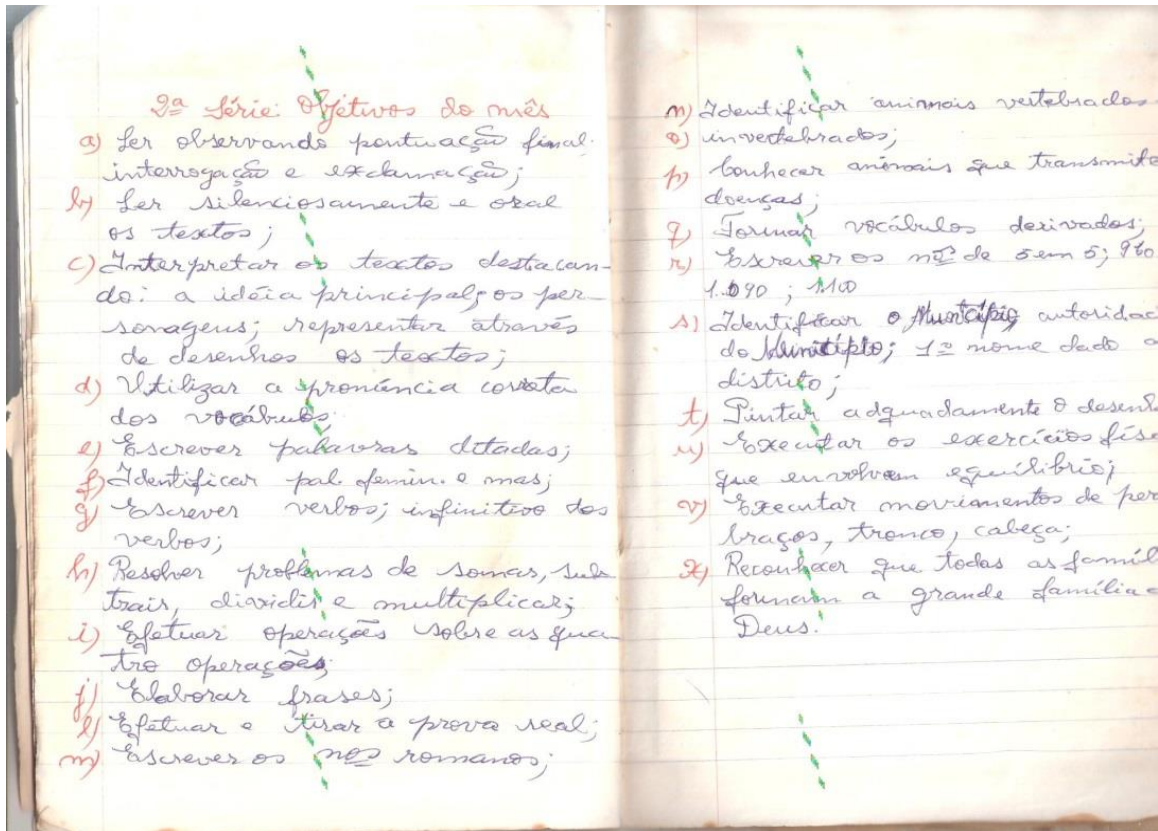


Figura 5 Objetivos no mês, para a 2ª série.

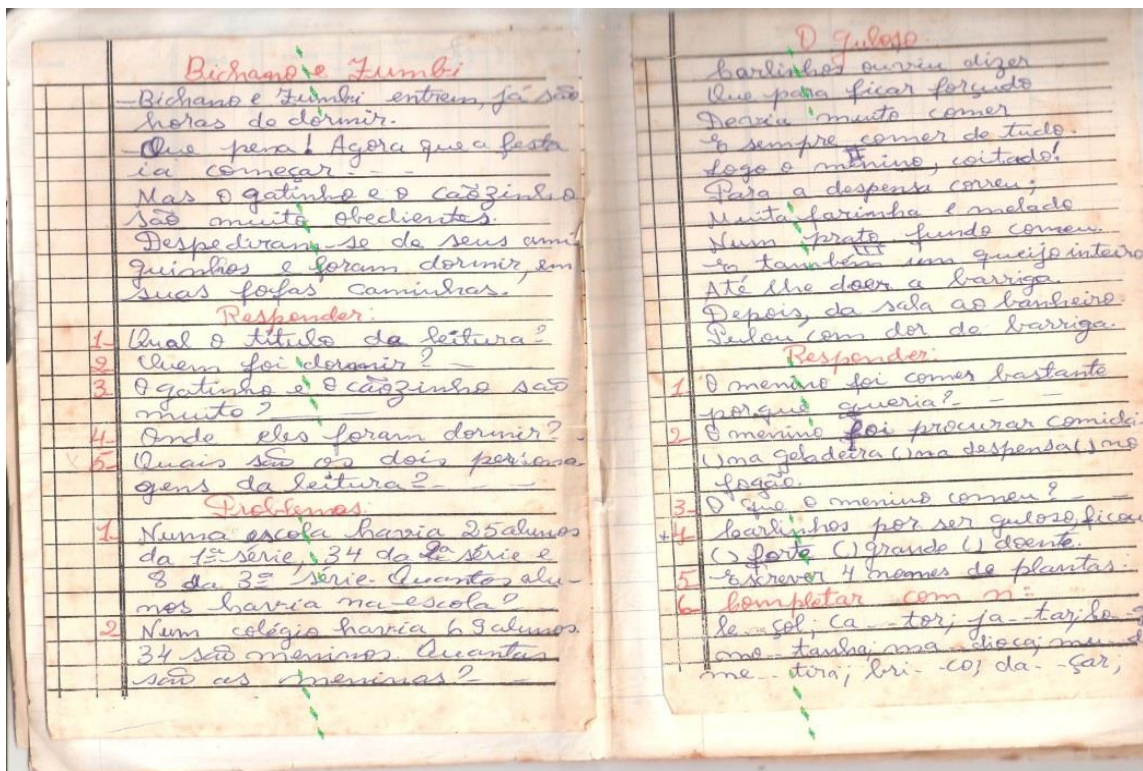


Figura 7 Textos utilizados para a 2ª série.

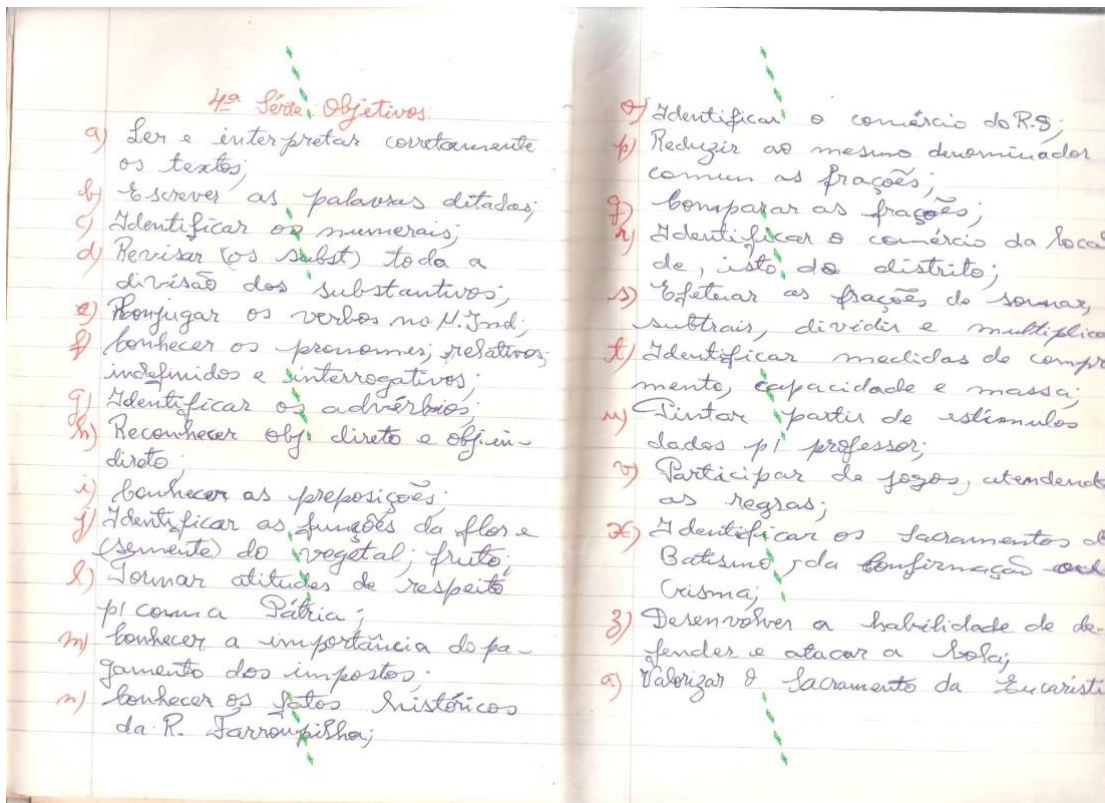


Figura 6 Objetivos para a 4ª série.

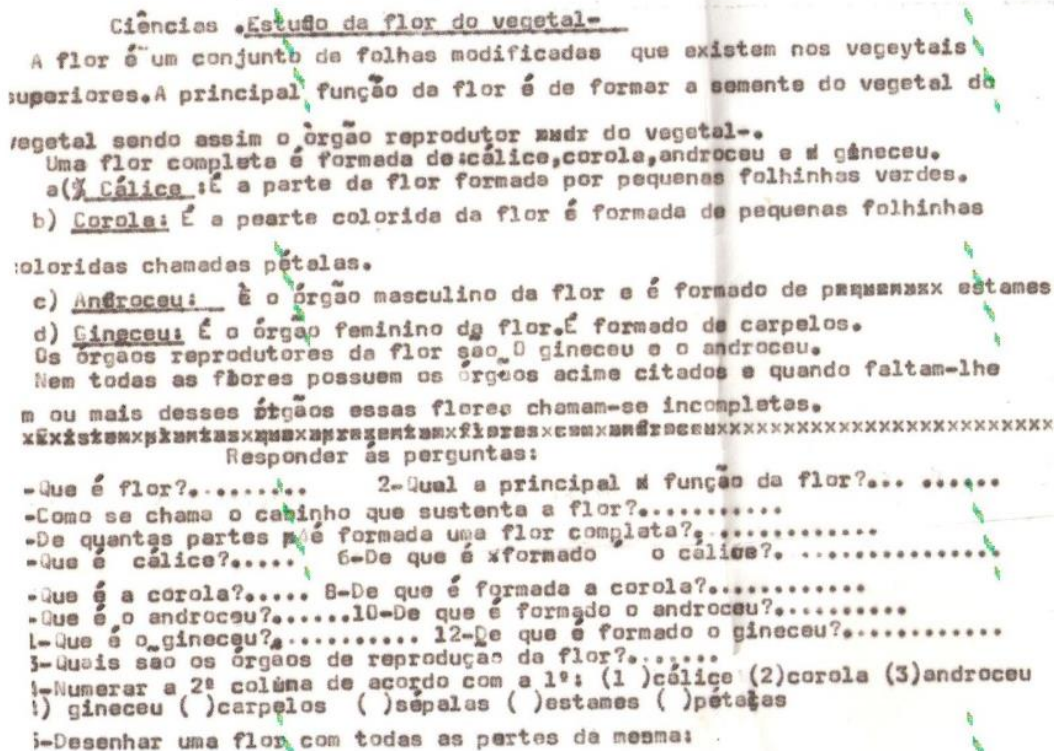


Figura 7 Prova para a 4ª série

Eu poderia ficar por muito tempo escrevendo sobre este caderno, mas vou me deter na maneira como ela descreve suas aulas.

Os alunos ganhavam uma cartinha que era entregue pela prefeitura. Jornais, revistas, livros etc. eles não tinham. Ela se lembra de como preparava as aulas, fazia fichas-cartões com imagens e a escrita e os alunos copiavam no caderno. Depois diziam que já sabiam, mas respondiam conforme a imagem. Uma maneira de saber se realmente tinham aprendido era colocar no quadro a imagem e eles tinham que ir e escrever o que era. Ela também usava muitos cartazes com letras e sílabas. O quadro também era usado para que eles copiassem.

No final do ano os alunos do 1º ano sabiam ler, escrever, somar e subtrair contas simples, eram os momentos de sua maior alegria, corrigir as provas que ela mesma tinha que pegar em Veranópolis e no dia marcado para a aplicação das mesmas, podia vir alguém da secretaria da educação para acompanhar as provas, ela nunca sabia se viriam ou não, mas os alunos tinham que estar preparados e as provas lacradas, e estavam. Ela afirma “hoje isso não acontece, eles não têm mais o mesmo interesse perderam a vontade de estudar, aprender, parece que estão fazendo um favor pra gente”. Novamente encontro na escrita em Almeida que [são as situações vividas e pouco compreendidas no presente que indicam a busca pelo passado como um dos meios de tentar compreender o que se apresenta relevante]. “Olhando o presente que nos dá sentido á paixão pelo passado” (ALMEIDA, 2007. 31).

No 2ª ano completavam as frases com muita facilidade, hoje ela pede para um aluno completar uma frase, não fazem, não querem e ela completa “realmente perderam o interesse”.

Já para os alunos da 3ª, 4ª e 5ª séries, era mais fácil, tinham livros, um para cada disciplina, ela explicava, eles liam e quase sempre entendiam, se tinham alguma dúvida ela explicava novamente. Copiavam as perguntas e respondiam. Problemas e contas de matemática eram corrigidos no quadro.

Os alunos da 1ª série eram colocados na primeira fila, pois eles necessitavam de maior atenção. Tinha bancos de 5 a 6 lugares (que ficavam no final da sala) e também de 2 a 3 lugares. Eram bancos muito, mas muito desconfortáveis, como minha própria experiência revela.

Até 1969 a prefeitura dava os ingredientes para a merenda e a própria professora fazia em casa, já o leite era “desmanchado” na escola. A partir de 1970 passou a ter merendeiras em algumas escolas, aquelas com maior número de alunos. Não na escola em que ela lecionava.

Terezinha fala de uma escola que as pessoas da cidade chamavam de a “Escola dos negros”, um “bairro” onde moravam praticamente todos os negros.

Trabalhou como professora da Prefeitura durante 20 anos, após isso passou a lecionar na Escola de 1ª e 2º Grau Professor Jacinto Silva, como professora do Estado. Em 1990 fez outro concurso para continuar a lecionar após 1991, quando se aposentaria pela primeira matrícula. Assim, continuou a lecionar de 1991 até 2010 com a nova matrícula do segundo concurso e em 2011 passou a trabalhar na biblioteca como “delimitação de função”. Ela disse: “na sala ninguém me aguenta, assim como eu também não aguento eles [os alunos]”.

Decidiu deixar a sala de aula quando, ao pedir respeito aos alunos, eles perguntaram que palavra é esta. Com ar de desgosto, ela fala da mudança dos tempos, do desrespeito, tanto entre os próprios alunos como aos professores. Moviada por estas inquietações escreve que:

Se vivemos numa sociedade em que muitas pessoas acham que podem tudo devido à impunidade existente, isto não é motivo para que ensinemos nossos alunos a serem desonestos. Pelo contrário, é desvelando essa realidade injusta e analisando o que está ocorrendo que poderemos instrumentalizá-los a adotarem uma postura combativa e de luta contra as injustiças (SARTORI, 2005).

Em 1997 houve a centralização do ensino no município, as escolas nas microrregiões (São Vicente, Santo Antônio, Morro do Leão e outras 24) foram fechadas e os alunos transferidos para o centro do município. Terezinha considera esta mudança em parte positiva, especialmente por reunir por série, idade ou etapas. Já não concorda em tirar os alunos do convívio das famílias para serem colocados em uma escola, muitos passando o dia todo confinados dentro de uma sala, quando podiam estar convivendo com a natureza, pois são filhos de colonos e poderiam ser criados de forma mais integrada com as suas realidades.

3. ANÁLISE

A coleta dos dados para este trabalho me trouxe muitas impressões e sensações. Algumas certezas. A primeira delas é que “a maioria das pessoas está menos interessada nos anos do calendário do que em si mesmas, e [que] não organizam suas memórias demarcadas por data” (THOMPSON, 1992, p. 180). De modo que organizar cronologicamente os dados coletados pelas histórias orais das entrevistadas mostrou-se um desafio.

Outra questão marcante foi a sensação de satisfação que as pessoas demonstravam ao contar sobre suas conquistas e o quanto elas traziam informações e descrições sobre os acontecimentos que desenhavam o ambiente em que viviam de uma forma que nenhum outro documento poderia fazer. Isso porque [as memórias são, regra geral, muito falíveis quanto acontecimentos específicos e muito iluminadoras quanto ao caráter e a atmosfera, coisas em relação às quais os documentos são inadequados] (JAMES. apud THOMPSON, 1992, p.182).

Mas, é muito curioso o quanto as informações que as entrevistadas davam eram precisas entre si. Muitas vezes utilizando as mesmas palavras. Talvez porque [as lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal]. (...) Sistema esse que faz ainda mais sentido se pensado em uma cidade pequena e entre pessoas da mesma família, porque

o encontro com velhos parentes faz o passado reviver com um frescor que não encontraríamos com a evocação solitária. Mesmo porque muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós (BOSI, 1995, p. 407).

Nas conversas, pude perceber que estas contavam a mesma história em dias diferentes, com pequenas alterações, dependendo do momento presente. Quando estavam com algum problema: seja de doença, ou outro qualquer, a lembrança vinha com um peso negativo e quando estavam felizes, fosse pela visita de um parente ou amigo, a lembrança era positiva. Quanto a isso Ecléa Bosi afirma que

Quanto mais o adulto está empenhado na vida prática, tanto mais aguda é a distinção que faz entre fantasia e realidade, e tanto mais esta é valorizada em detrimento daquela. Não se lê duas vezes o mesmo livro, isto é, não se rele na mesma maneira um livro. O conjunto de nossas ideias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impedirá de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados a primeira vez (BOSI, 1995, p 58).

A experiência da leitura é apenas um exemplo entre muitos. Percebi nas entrevistas o quanto o passado pode ser evocado de várias maneiras, “o passado é, portanto trabalhado qualitativamente pelo sujeito” (BOSI, 1995, p. 59). De modo que cada indivíduo tem uma “unidade pessoal conservada intacta das imagens do passado, mas pode alterá-la conforme as condições concretas do seu desenvolvimento” (BOSI, 1995, p. 67), pois “a memória pode ser conservada ou elaborada, conforme o lugar que o homem ocupe no momento, (...) acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar” (BOSI, 1995, p. 67).

Também pude perceber, pelos relatos, que algumas características da educação permaneceram as mesmas com o passar das décadas, como a quantidade de alunos em sala de aula, a dificuldade em continuar os estudos, após os anos iniciais, e o nível de desconhecimento e pobreza enfrentados.

E outras que evoluíram. Como os castigos, que eram descritos com naturalidade pelas entrevistadas mais antigas e que foram se tornando mais amenos nos relatos mais recentes. De ajoelhar em pedrinhas ao milho, para batidas de régua nas mãos, ou puxões de orelha até ser apenas a ausência de recreio.

Nos depoimentos de cada uma das entrevistadas, tentei identificar o que mais predominava nas suas lembranças. Por mais que tentasse focar no assunto escolaridade, este era frequentemente desviado para outros caminhos aos quais elas davam maior importância. Nesse sentido,

Um dos aspectos mais polêmicos das fontes orais diz respeito a sua credibilidade. Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, que às vezes pode ser falível e fantasiosa. Entretanto, o que importa dentro deste pensamento é identificar o que cada entrevistada selecionava para dar significado ao seu passado (FREITAS, 1992, p. 18).

Já a entrevistada que continua sendo professora, não só falava do passado como professora, mas fazia comparações com a docência no presente. Percebi o quanto “a memória representa (...) o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido um com o outro” (FENTRESS, 1992, p. 39 *apud* ALMEIDA, 2007, p. 40).

Foram tantos os aspectos percebidos e tantos outros que tenho certeza que seriam levantados se eu continuasse conversando com elas – e esta era uma vontade expressa não só por elas quando por mim, quando diziam que lembravam de cada vez mais coisas conforme íamos conversando – que optei por me deter em analisar três dos mais recorrentes: a

importância dos primeiros e últimos dias de aula; a construção da memória coletiva e as “coincidências”; e a ideia de que no passado as coisas eram melhores que no presente.

3.1 Começar e terminar: sempre uma expectativa e uma glória

Acreditando que a memória é um fluxo que se repete e se revê a cada nova informação que acrescentamos na narrativa dos fatos fica fácil compreender porque todas as entrevistadas descreviam com tanto vigor e entusiasmo o primeiro e o último dia de aula.

A importância desses dias não é só emocional. Ela está reafirmada nos registros históricos e no caderno analisado. É na relação destes dois dias que fica clara a relação de aprendizado dos alunos, quantos dos que começaram continuaram – pois a evasão era muito grande em função das dificuldades enfrentadas - e, destes, quais aprenderam da forma esperada e vão passar de ano.

No relato oral, essa importância vem carregada de sentimentos e emoções. A apreensão e a expectativa das possibilidades deste ambiente de aprendizado, trazida na maioria dos casos de casa, pois os pais das entrevistadas davam muita importância para o conhecimento e passaram para os filhos esta expectativa – herança essa que as entrevistadas, por sua vez, passaram para os seus filhos. Herança de uma expectativa e certeza de que o aprendizado e o conhecimento fariam com que as próximas gerações pudessem ter uma vida melhor e mais fácil.

Essa carga emocional é transmitida em cada palavra, em cada memória e pinta o ambiente do primeiro dia de aula com nuances e cores de forma muito rica. A descrição dos sons dos passos do diretor, do respeito prestado.

É neste primeiro dia de aula que se descobrem as dificuldades que serão enfrentadas. Que as caminhadas serão longas até a escola. Que os bancos para sentar serão desconfortáveis. Também é neste primeiro dia que se cria toda a expectativa de que coisas muito interessantes serão. Que se descobre a importância de “preparar seus filhos para resolverem os problemas regionais, para integrarem-se em seu mundo, fazendo-o progredir”, mas também “estudar e conhecer as necessidades materiais, sociais do meio no qual vão trabalhar” (LEÃO, 1953, p. 216 *apud* ALMEIDA, 2001. p. 53).

Tanto Romilda, quanto Terezinha, relembram sempre do primeiro dia de aula; das crianças que não conheciam um lápis ou não sabiam como utilizá-lo, mas que no final do ano a maioria terminava a 1ª série lendo, escrevendo, fazendo pequenas contas e outros assuntos

tratados durante o ano. Até não sabem como isto acontecia, mas acontecia. Talvez não lembrem os detalhes para atingir este objetivo, de tão mergulhadas que estariam nesta missão.

O último dia também parece ter uma eternidade em detalhes. Ele vem com a descrição das provas e do nervosismo que as antecederam.

Parece-me, em alguns momentos, que algumas experiências de outros dias, do longo ano, foram “rearrumadas” pela memória para estarem nestes dias de aula.

3.2 A formação da memória coletiva e algumas “coincidências”

A questão da formação da memória coletiva é muito interessante, especialmente por se tratar de uma cidade pequena. Isto porque existe uma *história* que é contada pelos livros e documento históricos, cronológica, formal e cheia de motivos e razões políticas, demonstrando a evolução da história da educação na cidade de uma perspectiva ampla, muitas vezes nacional. E existe uma *história* que é contada pelas pessoas e suas motivações individuais, mas que de tantas e tão semelhantes em uma mesma época ganham esta mesma dimensão coletiva. E ouvindo os relatos, as histórias de Anna, Romilda e Terezinha, suas histórias individuais e que ao mesmo tempo são tão parecidas entre si e tão coerentes com a história contada pelos livros, que saltam aos olhos algumas “coincidências”.

Existe uma coincidência muito marcante no desenvolvimento da educação em Cotiporã: a valorização do conceito de educação. Os relatos ressaltam o quanto os pais das entrevistadas achavam importante que os filhos tivessem oportunidade de estudar para terem um futuro melhor. E este é um relato pessoal, particular. Mas que se repetiu nas entrevistas, em décadas diferentes. E, mais que isso, refletia uma ideia que estava presente em muitos outros pais, chegando a criar mudanças legislativas para a educação. Inclusive criando uma obrigatoriedade para os estudos.

Sem contar a coincidência de alunos da mesma família, com as dificuldades de aprendizagens. Não foi surpresa quando a Romilda disse ter deixado de castigo os alunos de uma mesma família, para ver se aprendiam, e não aprenderam, ela diz: “eles não conseguiam escrever uva, levaram três anos para conseguir”. Surpresa mesmo foi quando Terezinha fez as mesmas referências, quanto aos filhos dos mesmos alunos de Romilda, 30 anos depois.

Lembro que um desses alunos foi meu colega, em 1963, na 1ª série, era repetente e foi novamente reprovado.

Anna diz: “eu estava na 5ª série, não só podia como devia ensinar os pequenos.” 30 anos depois, Terezinha entrou pela primeira vez em uma escola para ensinar, tendo somente o 5º ano, para uma turma de uns 20 alunos entre 1ª e 5ª séries. Mesmo 30 anos depois em muitas escolas e situação era a mesma, faltavam profissionais capacitados. O decreto 4850/1954, p. 43 estabelecia: “O magistério rural só poderá ser exercido por brasileiros maiores de 18 anos, com aptidão física e mental, no gozo de seus direitos civis e políticos, que se hajam titulado por curso normal rural ou realizado curso de especialização”. A esse respeito Dóris Almeida escreve: “Sem dúvida, há uma contradição com a realidade do magistério, uma vez que muitos professores eram leigos, tinham uma formação educacional mínima que lhes permitia ensinar às crianças”. Ou seja, é uma referência da lei, mas que nem sempre encontrava respaldo na vida cotidiana (ALMEIDA, 2007, p. 61).

Outros pontos relevantes existem, como uma *história* que não é contada por nenhuma das entrevistadas individualmente, mas sim por pequenos detalhes que cada uma traz, isolados em seus relatos. Mas, quando comparo os relatos das três, esses pequenos detalhes, que parecem insignificantes se vistos isolados, se unem e tecem uma rede de informações coletivas. Ecléa Bosi pergunta:

Como arrancar de fundo do oceano das idades um fato puro memorizado? Quando puxamos a rede, veremos o quanto ela vem carregada de representações. As coisas que modelamos durante anos resistem a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos (BOSI, 1995, p. 19 e 27).

O mesmo acontece com algumas informações que são “de conhecimento geral” para as pessoas da região. Coisas que “todo mundo sabe”.

Talvez nas conversas coletivas, nas festas regionais, onde as pessoas com as mesmas ideias de reúnem e trocam informações e com estas informações vão construindo uma memória que pode ser coletiva, mas ao mesmo tempo individual. Pois “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1995, p. 54).

Ainda fico me perguntando se daria a memória coletiva conta da explicação de todos os fatos de memória, normalmente do que chamamos a lembrança individual?

3.3 “No meu tempo as coisas eram diferentes...”

Estas palavras foram ditas e repetidas diversas vezes. Algumas vezes para se referir a melhoras e facilidades que surgiram com a tecnologia, como a facilidade para transportar as crianças até a escola. Mas, quando era para se falar de um panorama geral da educação, sobre como a educação acontecia no seu tempo e como elas percebem nos dias atuais, sem exceção, elas acreditam que no seu tempo era melhor do que atualmente. E essa perspectiva não está isolada nas entrevistadas que estão afastadas do ambiente escolar, ela também está nos relatos de Terezinha, que ainda atua em uma escola. Talvez pelo resultado dos alunos que estavam na sala de aula elas só percebiam que a educação valeu a pena. Às vezes

é preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr de tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente (BOSI, 1995, p. 407).

Explico: pude perceber que a ideia de “melhor” é dada por uma construção de uma memória que se reviu com o passar dos anos. É um “melhor” que aconteceu por causa dos resultados que foram percebidos após as experiências.

Elas falam de pessoas que estudaram e se esforçaram e hoje têm uma vida muito melhor do que na época. Isso é muito importante para elas. Especialmente quando estão falando sobre o seu papel como professoras. Poder contar que um aluno seu venceu na vida porque estudou parece trazer para elas uma sensação de dever cumprido e de que tudo valeu a pena. E, da mesma forma, em consequência, valeu a pena o esforço e as dificuldades que elas enfrentaram para terem a sua formação.

Como nos diz Dóris Almeida “a educação é como um espelho da sociedade” (ALMEIDA, 2001, p.16), pois é com a educação que formamos valores, construímos ideais, modelamos pessoas conforme o período em que nos encontramos.

É uma relação de contínuo esforço e sacrifícios que trouxeram bons resultados e de bons resultados que trouxeram resultados melhores. Essa compreensão ampla se concretizou ao longo de muitos anos de observações e expressa uma relação de causa e efeito que elas não veem nos dias de hoje.

No meu ponto de vista é fazer algo a mais, é passar adiante este saber, só assim conseguiremos educar um número maior de crianças e ou adultos. Numa conversa com uma entrevistada percebi a grande preocupação que tinha em saber, em aprender, em se educar. Ela diz: “Educação a gente aprendia em casa, tinha que respeitar os mais velhos, não ser gulosa e nem teimosa”. Ela continuou relatando assuntos relacionados ao comportamento que uma

criança tenha que ter mesmo antes de ir à escola. Percebi nas três entrevistadas a mesma referência que as crianças deveria ter da família. Pois

em casa, eram os pais que protegiam e vigiavam os filhos; na escola, essa função passava para os professores, que amparados nas estruturas curriculares, regulavam os alunos; mais tarde, quando já eram maiores de idade e profissionais da educação, é a sociedade que regula e controla suas vidas (ALMEIDA, 2001. p. 28).

Ao ouvir as entrevistadas tinha a certeza de que a educação do passado era melhor que a educação do presente; sendo que em parte deste passado eu estava lá; eu também tinha a mesma lembrança, de que era melhor; ao analisar as entrevistas, ouvir novamente suas vozes, as falas entusiasmadas, percebi que tanto escolhiam especialmente momentos felizes, quanto para os não tão felizes, davam um jeito de concluir que mesmo tendo passado por muitas dificuldades valeu a pena. Muitos dos seus alunos progrediram, tornaram-se pessoas importantes para a cidade, fez delas pessoas melhores, com o sentimento de missão cumprida.

Creio que essa relação de melhor/pior deu-se desta forma “escolhida”, com memórias escolhidas. Assim como Almeida que diz que “além de escolhermos alguns acontecimentos, estabelecemos uma ordem, uma sequência nos elementos da narrativa, conforme aquilo que nos parece melhor, que demonstre um sentido que consideramos adequado para nossas vidas” (ARTÉRES, 1998, *apud* ALMEIDA, 2007, p. 21). E, assim completa: “o arquivamento do eu não é uma prática neutra... Não arquivamos nossas vidas de uma vez por todas. Incessantemente, até o último momento, nossos arquivos estão sendo refeitos” (p. 21).

Portanto, para o exercício de lembrar, faz-se necessário, também, um apelo a lembranças dos outros, pois as referências que promovem a construção da memória não se sustentam em uma perspectiva puramente individual do ato de lembrar. Nossas lembranças são, dessa forma, em grande parte produzidas juntamente com as rememorações das pessoas com as quais convivemos e nos identificamos em certo tempo de nossas vidas, ou ainda, pelos significados da cultura na qual estamos inseridos (ALMEIDA, 2007. p. 58).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das memórias das entrevistadas, traçando um comparativo com minhas próprias memórias, pude perceber que alguns fatos que eu “lembrava” não eram exatamente como eu pensava. Isso porque

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (BOSI, 1995, p. 68).

Ainda assim, ter conversado com essas pessoas, dessa forma direcionada me trouxe uma nova sensação de satisfação e curiosidade, mesmo se tratando de pessoas com que eu já tinha contato. Alguns dos fatos narrados eu já conhecia; já tinham sido contados em outras conversas; no entanto, a ideia de estarem sendo entrevistadas fez com que as entrevistadas se esforçassem em buscar as lembranças, buscassem a melhor forma de expressá-las e em transmitir as emoções.

Fui contagiada pelos sentimentos e me emociono ao imaginar como toda a trajetória dessas pessoas foi importante para a região. Mesmo individualmente, cada uma delas trouxe conhecimento e o difundiu para as pessoas de seu tempo.

Ao ouvir Anna falando sobre ajoelhar em pedrinhas com tanta naturalidade e falando sobre o medo e o respeito que tinham para com o diretor e as professoras. Depois, ouvir Terezinha dizendo que não aguenta as crianças das salas de aula de hoje; uma pessoa que passou pelas crianças de salas de aula de décadas. Não posso deixar de pensar sobre o que pode ter acontecido com a educação.

Não com a educação em termos escolares, mas aquela educação que as crianças deveriam trazer de casa e que tornam o trabalho dos professores, de ensinar português e matemática, mais produtivo.

Não sei dizer se a educação escolar de antigamente era melhor. Não tenho a perspectiva de tempo que as entrevistadas têm para fazer esse comparativo. Também não sei se essa educação que fazia as crianças sentirem medo era mais positiva do que o que temos agora. O que posso dizer é que, na minha pouca experiência em sala de aula, a educação – essa que vem de casa – faz muita diferença para o aprendizado das crianças.

A construção do passado e da memória através dos relatos de pessoas que vivenciaram parte de uma história da qual eu também faço parte é muito interessante e instigante, pois como Bosi (1995, p. 407) coloca:

As testemunhas que retificaram uma lembrança não conseguem sempre fazer-nos revivê-la. Podemos escutar, surpresos, o relato de uma cena de nosso passado sem conseguir revivê-la; descrevem nossa atuação e nos sentimos estranhos à narrativa. Se faltamos nós mesmos entre as testemunhas, a lembrança não se realiza os outros podem precisar, mas também podem confundir nossas lembranças. Os versos alheios podem interferir, alterando e curvando uma impressão cristalina que gostaríamos de guardar. Se nos traçarem um quadro onde esquecemos nossa atuação, podemos reconstruí-lo, aceitar nossa parte nele, mas não nos enxergamos no fundo deste espelho embaçado, queremos sondá-lo e ele não devolve nosso rosto.

E, enquanto continuo procurando o meu próprio reflexo neste espelho do tempo que reflete o passado contado pelas entrevistadas, minhas tias e amiga, me pergunto quais são os reflexos que posso deixar para o futuro? E busco, nestas histórias e na minha história referências e exemplos para constituir a minha própria identidade docente, fazendo as devidas escolhas, esperando chegar no futuro também com a ideia de que fiz o melhor e que “tudo valeu a pena”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memórias da rural: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública** (1950 – 1960). Porto Alegre: Ed: UFRGS, 2007.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Vozes Esquecidas em horizontes Rurais História de professores** – Porto Alegre: Ed: UFRGS, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – Lembranças de velhos**. 4º ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1995.

FREITAS, Sônia Maria, prefácio in: THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.18.

FONSECA, Marcus Vinícius. **A arte de construir o invisível – o negro na historiografia educacional**. Belo Horizonte : Autêntica, 2007.

GIACOMINI, Ambrósio, SCUSSEL, Dalmo – **Resgate de Cotiporã – A História**. Disponível em http://historiadecotipora.blogspot.com.br/2012_12_01_archive.html. Acesso em 26 mai. 2014, 17:19

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 443- 481.

LUDKE, Mega, ANDRÉ, Marli . **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1986. p. 09-45.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em Educação. In: CARVALHO Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira; ZAGO, Nadir (orgs). **Itinerários de Pesquisa: Perspectivas qualitativas em Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SARTORI, Terezinha Maria Tres. **Questão dos limites: na família, na escola, na sociedade**.

Disponível em

<http://www.apev.com.br/AUTORES%202005/2005/TEREZINHA%20SARTORI.htm> .

Acesso em 26. mai. 2014, 17:18

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.